

Filipe Homem Fonseca

ÚLTIMA REFEIÇÃO ANTES DE MIM

azulcobalto nova série

2025 | 003

Quem se transforma num monstro livra-se da dor de ser homem.

Samuel Johnson

ESCREVO-TE SEM A PRESSA DE UMA GARÇA,
de um choque recém-nascido, de um suicídio efêmero.
Escolho argueiros de trigo como antes conversei com as
tararas, cada sílaba uma migalha de pão com a qual os
animais carnívoros edificam o futuro alheio. O sol cobre-
-se com uma manta proposta ao remendo — deitados,
de asas semeadas e olhando para cima, desvendamos
as lâmpadas caídas, a luz que sufocamos com o peso da
presença. O encontro entre o pedido e o que vem a jogo é
uma celebração da surpresa, da incompletude industrial do
choro, do segredo. Temos nos olhos uma estrela apagada.
Escrevo-te como quem mente e promete mentir, convicto
na paragem dos astros e da rotação da vontade (do desejo
sem vontade). Como quem mostra o cárcere a uma agente
imobiliária para que o ponha à venda pelo melhor preço.

Atropelo o vagar, volto atrás e rectifico
— a tentativa é o erro.

E DE REPENTE TODAS AS LINHAS ESCRITAS
me parecem centopeias de mil morais,
todas as palavras ditas me soam a reprimenda
por não tê-las eu pensado, dito; por não ter agido
segundo o Evangelho dos Outros.
Sopro vista cansada, vomito
um encolher de ombros, sacudo cal, mato
as páginas, expectativas que não as minhas,
terra seca onde os milagres vão para morrer.
O mundo está debaixo dos meus pés,
alguma razão haverá para esta
ordem das coisas.

GRITO FOGO COMO QUEM ABRE UMA GARRAFA DE VINHO.
Pressão nascida do pensamento, a cabeça a querer nascer
para fora de mim, para o mundo sobre o qual julga pensar
quando só pensa no anátema caseiro. Empurra-me

os olhos de dentro para lá, torna-me próximo do desfoque,
cauteriza-me o instinto e oferece ânimo a esta inércia.

A boca rasga-se, a simpatia zigomática; confundem-me com
alguém que sorri. Já chamei vagabundos aos reflexos
do passado luminoso que contaminam os oceanos;
quando mordo os lábios, não reconheço o sabor do
meu sangue.

Grito morte como quem muda uma lâmpada.
Vocábulo afónico, devora-me de dentro
para dentro,
vai-se tudo o que julgo arder quando tudo arde.

Escuto a procissão, fiéis enterrados pelos joelhos no
asfalto quente do fim da estrada, do centro do relógio,
da imobilidade da esperança.
Gritam fogo
e gritam morte
e eu grito com eles enquanto imagino

um mar de acácias,
soldados em fuga.

Quando me secam os lábios, nem sei se os lábios
secos são os meus.

Uso labaredas como garrote para a injeção de dias,
verdades e dúvidas.

NÃO LEVAS A SÉRIO OS TERRAMOTOS, OS ILUSIONISMOS,
as virtudes de ser canhoto,

nem a polivalência e a fusão a frio.

Pensas que o caminho mais rápido é a intuição,
consideras correcto apagar uma vela com dois
dedos húmidos,

usas um isqueiro para matar
insectos rastejantes, para queimar a lida da casa,
sublinhar despesas nos livros de contabilidade.

Julgas-te ulterior à dinâmica dos afectos,
avesso à maquinaria genética da fome,
alheio à margem de lucro. Se te dessem
essa liberdade

– se a conquistasses ou ganhasses num jogo
de roleta-russa

—, serias capaz de inundar
uma biblioteca, salvar um recém-nascido
encontrado num ecoponto,

amanhar peixe para o almoço
dos vizinhos de cima.

Nunca te ajoelhaste em frente ao espelho,
nunca te despiste de

sobra, culpas, preconceitos,
roupa larga

de quando tinhas o peso do teu mundo
às costas dos outros.

Escusas-te à perda de faculdades e
à retenção de líquidos.
És gémeo falso de uma cólica renal.

Teimas em não ouvir as queixas dos lobos,
o crescimento nocturno de algumas plantas,
a melodia
 de uma conta bancária,
 de uma picada de mosquito,
 de uma esmola.

Tentas sabotar os teus próprios lábios
só porque te esqueceste como se beija,
 grita e geme.

Escolhes a cor errada de tinta para pintar
falsificações,
 fazes pontaria
 a três alvos de publicidade enganosa,
um quarto de pão-de-ló, quinze centímetros
de labaredas.
Cospes na leveza da entrega, ergues muros nas
saídas de emergência dos labirintos.

Uma vez, deram-te a escutar o batimento cardíaco

■ Põe a tua casa em ordem, porque vais morrer
CARLOS ALBERTO MACHADO

■ Os que não caem como Ícaro
CATARINA COSTA

■ Escrevo por vingança à morte
CLÁUDIA LUCAS CHÉU

■ Estância do sino coberto
DINIS CONEFREY

■ O silêncio num campo cantado pelo vento
FERNANDO MACHADO SILVA

■ Última refeição antes de mim
FILIPE HOMEM FONSECA

■ A magia solar
JOSÉ GUARDADO MOREIRA

■ Na companhia das ilha
SEBASTIÃO BELFORT CERQUEIRA

■ Contei-ras. Este caminho de festa
VITOR TEVES

azulcobalto nova série

2025 | 003

Filipe Homem Fonseca

ÚLTIMA REFEIÇÃO ANTES DE MIM

© Autora e Companhia das Ilhas

Edição **003**

1.ª edição MARÇO de 2025

1.ª tiragem MARÇO de 2025

Design gráfico e paginação CAM

Fontes

Corpo do texto Swift, corpo 10,25

Outros elementos Geliat ■ Quick Sand ■ Myriad Pro

Impressão e acabamentos EUROPRESS. INDÚSTRIA GRÁFICA

Depósito legal 542 668 / 25

I S B N 978-989-9154-57-5



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3

9930-149 LAJES DO PICO

Telefones ■ Rede móvel: 912 553 059 | 917 391 275 ■ Rede fixa: 292 672 748

companhiadasilhas.lda@gmail.com

www.companhiadasilhas.pt